

CENTRO CULTURAL

NO DISTRITO DE RIO MAINA



CARLA ALEXANDRE FLORIANO

CENTRO CULTURAL

NO DISTRITO DE RIO MAINA, MUNICÍPIO DE CRICIÚMA, SC

**Trabalho de conclusão curso I
apresentado ao curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade do Extremo Sul
Catarinense**

Orientadora: Aline Eyng Savi

Semestre 2014/02

Acadêmica: Carla Alexandre Floriano

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 . INTRODUÇÃO..... | 06 |
| 2. PROBLEMÁTICA | 07 |
| 3. JUSTIFICATIVA..... | 09 |
| 4. OBJETIVOS..... | 14 |
| 4.1 Objetivo geral..... | 14 |
| 4.2 Objetivos específicos..... | 14 |
| 5. METODOLOGIA DE TRABALHO..... | 15 |
| 6. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 16 |
| 6.1 O que é cultura?..... | 16 |
| 6.2 A cultura preservada: Patrimônio Cultural..... | 17 |
| 6.3 O tema da Cultura no Brasil..... | 23 |
| 6.4 O que são os Centros Culturais..... | 23 |
| 6.4.1 A evolução tipológica dos espaços para abrigar a Cultura..... | 24 |
| 6.5 A cultura em Criciúma: Fundação Cultural de Criciúma e a Casa de Cultura..... | 30 |
| 6.6 Localização e entorno da Casa de Cultura do Distrito do Rio Maina..... | 32 |
| 7. REFERENCIAIS ARQUITETÔNICOS..... | 33 |
| 7.1 Centro Cultural de La Calera..... | 33 |
| 7.1.1 Critérios analisados para o entendimento do TCI..... | 33 |
| 7.1.2 Contextualização do referencial..... | 33 |
| 7.2 Centro Cultural de Serdan..... | 37 |
| 7.2.1 Critérios analisados para o entendimento do TCI..... | 37 |
| 7.2.2 Contextualização do referencial..... | 37 |
| 7.3 . Praça das Artes..... | 40 |
| 7.3.1 Critérios analisados para o entendimento do TCI | 40 |
| 7.3.2 Contextualização do referencial..... | 40 |
| 7.4 Musée Hergé..... | 43 |
| 7.4.1 Critérios analisados para o entendimento do TCI..... | 43 |
| 7.4.2 Contextualização do referencial..... | 43 |
| 8. MUNICÍPIO DE CRICIÚMA..... | 45 |
| 8.1 Localização | 45 |
| 9.0 O DISTRITO DO RIO MAINA..... | 48 |
| 9.1 Contexto Histórico | 48 |
| 9.2 Localização do Distrito | 49 |
| 9.3 Conexões Urbanas: Distrito e o Município..... | 50 |
| 9.4 Mobilidade Urbana..... | 51 |
| 10 O BAIRRO DO RIO MAINA | 53 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 10. 1 Evolução da Ocupação Urbana do Bairro Rio | |
| Maina..... | 53 |
| 11.RECORTES ANALISADOS | 57 |
| 12. PARTIDO..... | 66 |
| 12.1 Programa de necessidade e pré dimensionamento..... | 66 |
| 12.2 Diretrizes..... | 70 |
| 12.3 Intervenção na quadra..... | 72 |
| 12.3.1 Memorial Justificativo do Centro Cultural..... | 74 |
| 12.3.2 Conexão : Praça e Centro Cultural..... | 82 |
| 12.3.3 Implantação Geral | 85 |
| 12.3.4 Setor 01 – Conceito da Praça..... | 86 |
| 12.3.5 Setor 02 – Centro Cultural..... | 87 |
| 13. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICOS..... | 95 |

Os centros culturais são espaços que vão além de um ambiente para as atividades culturais, pois acabam construindo a história no local onde estão inseridos, propagando assim a história local bem como edificando novas.

O presente trabalho de conclusão apresenta o embasamento teórico para a elaboração de um anteprojeto, de um Centro Cultural no Distrito de Rio Maina, Município de Criciúma/SC, com infraestrutura espacial adequada ao uso cultural e com espaço para abrigar a Casa de Cultura do Distrito.

Portanto o trabalho foi dividido em 12 partes. As cinco primeiras irão relatar: a problemática de não haver estrutura física adequada para praticar as atividades culturais, na qual justifica-se a implantação desse equipamento no Distrito. Além disto descreve-se também nessa etapa, os objetivos do trabalho que se dará na sequência dos estudos no caderno. A sexta e sétima partes, relatam sobre os embasamentos teóricos e arquitetônico os quais fundamentaram a elaboração do partido. Já as etapas oitava até décima primeira relatam a localização do recorte, iniciando com a escala do município, distrito, bairro e quadra estudada e por fim é exibido o estudo preliminar de partido arquitetônico do centro cultural no Distrito de Rio Maina

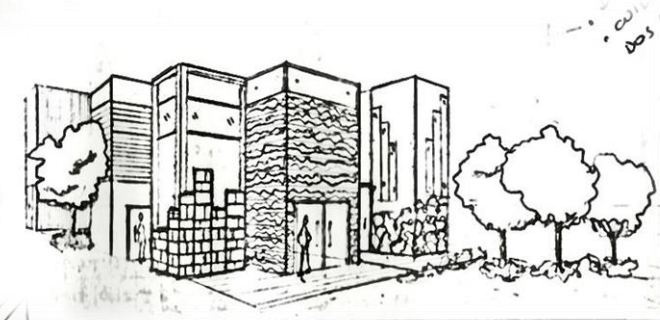
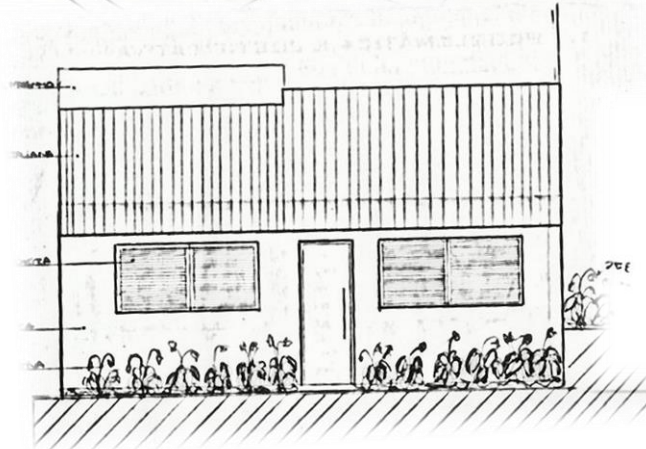
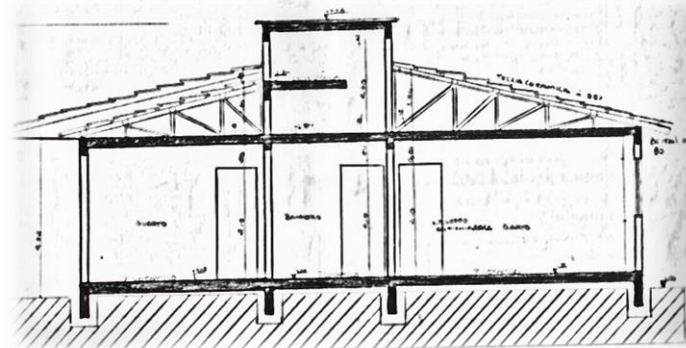
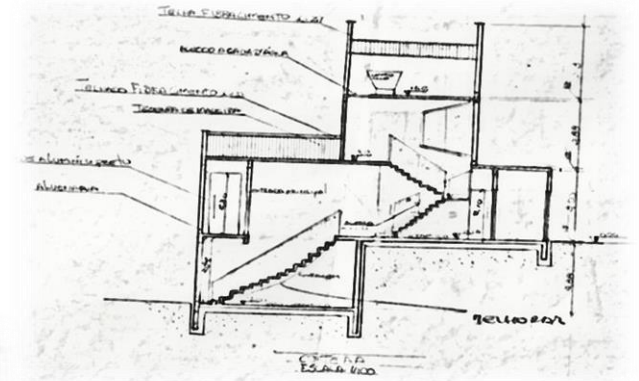
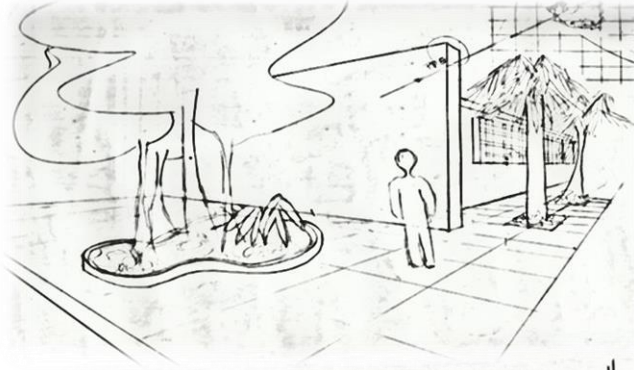
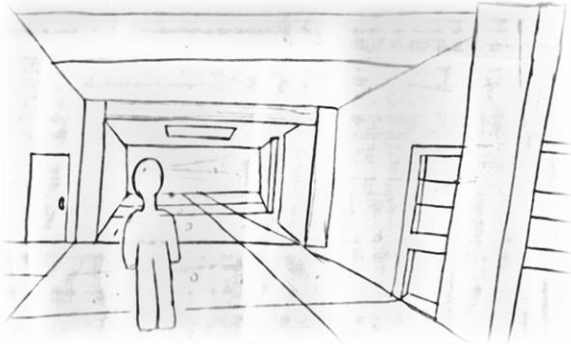
AGRADECIMENTOS

**AGRADEÇO A MEUS PAIS QUE SÃO MEUS EXEMPLOS DE VIDA,
DEDICAÇÃO E PERSISTENCIA**

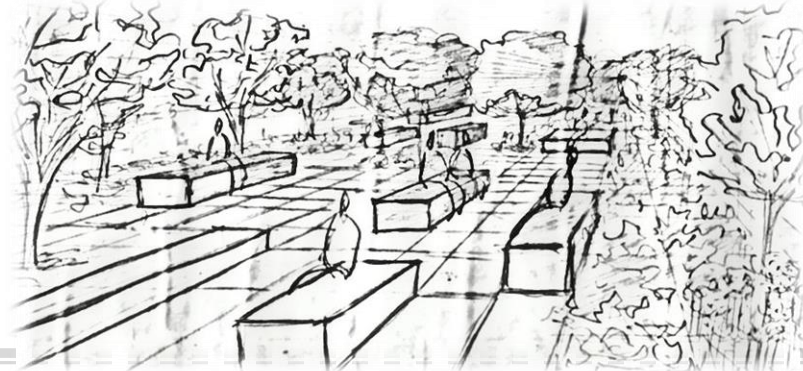
**A DEUS QUE ME REGEU E ME GUARDOU DURANTE TODA A
CAMINHA DA**

**E AOS POUCOS E GRANDES AMIGOS QUE SEMPRE ME
AJUDARAM NO MEIO DO DESESPERO.**

PRIMEIRAS FASES



ÚLTIMAS FASES



A cultura e a memória de um povo reforçam a sua identidade, tornando fundamental transmiti-la de geração para geração. Para que isso aconteça, é preciso que cada um verbalize, interaja, ensine e vivencie a cultura da qual faz parte. Essas ações dependem das próprias pessoas e de quanto elas se sentem parte integrante desse contexto; além de incentivos de órgãos públicos. Esses devem prover ações de salvaguarda e infraestrutura para que grupos e pessoas preservem as manifestações culturais.

O Brasil possui uma grande diversidade de manifestações culturais, contendo um amplo patrimônio material e imaterial. Soma-se a isso, as diversas regiões brasileiras, que subsidiam a cultura popular, produzida pelo modo de agir e fazer suas manifestações, festas e rituais. Apesar dessa riqueza, a cultura criada pelo povo sofre, na maioria das vezes, com a ausência de infraestrutura adequada e de incentivo financeiro para sua manutenção.

Sob o mesmo contexto, Criciúma apresenta uma grande diversidade em sua cultura popular. As manifestações que fortalecem características locais envolvem eventos, festas religiosas católicas, folclore, corais entre outras.

Uma grande incentivadora dessas ações culturais em Criciúma é a Fundação Cultural, que por meio das Casas de Cultura, exerce papel fundamental para sociedade. Contudo, ainda existem muitas limitações nas estruturas física e financeira para promoção dessas atividades.

Em Criciúma, o Distrito de Rio Maina possui uma sede da Casa da Cultura (extensão da Fundação Cultural). Atualmente, a Casa conta com mais de doze atividades culturais nos três turnos, atuando em diversas áreas, como: música, artesanato, dança, entre outros.



Fig. 01: Aulas de teclado na Casa da Cultura

Fonte: Casa de Cultura – Rio Maina, 2014



Fig. 02 :Aulas de violão na Casa da Cultura.

Fonte: Casa de Cultura – Rio Maina, 2014.

Apesar de ser um grande benefício para a população do Distrito, a referida instituição não possui espaço físico próprio e utiliza de local cedido pela subprefeitura. Esse local é improvisado e insuficiente para atender o programa de necessidades.

Conclui-se, assim, que o projeto de um espaço que possa abrigar essa demanda cultural já existente é necessário para o Distrito do Rio Maina, em Criciúma.



Fig. 03: Almojarifado Casa de Cultura
Fonte: Casa de Cultura – Rio Maina, 2014



Fig. 04: Aulas de dança nos Centros Comunitários
Fonte: Casa de Cultura – Rio Maina, 2014



Fig.05: Aulas Expositivas
Fonte: Casa de Cultura – Rio Maina, 2014



Fig 06: Espaço para artes e pinturas
Fonte: Casa de Cultura – Rio Maina, 2014

Os espaços de cultura estão cada vez mais restritos a lugares de uso privado. Em contrapartida, é necessária a implantação de equipamentos públicos, que valorizem a cultura em suas diferentes manifestações, como as Casas de Cultura que visam às ações culturais sem fins lucrativos, “[...] uma produção para ser consumida pelos que a fazem.” (COELHO, 1989, p. 14).

Nesse passo, o tema abordado deu-se pela carência de equipamentos públicos apropriados para o uso da cultura no Distrito de Rio Maina em Criciúma, Santa Catarina. Uma vez que as atividades culturais são exercidas pela comunidade em lugares inapropriados para sua realização.

A Casa da Cultura do Distrito de Rio Maina atualmente abriga aulas de instrumentos musicais, técnicas vocais, dança, narrativa de histórias, saraus, oficinas de arte e pintura, conforme descrito na tabela 01 e 02. Além disso, organiza a realização de eventos como a Feira do Livro, como pode ser observado na tabela 03. Embora haja interesse da comunidade em participar das atividades, a estrutura atual depende da subprefeitura, utilizando o seu auditório e o hall para exposições de trabalhos. Destaca-se, também, que a Casa consegue acolher pessoas de diversas localidades e bairros, discriminados no gráfico 01. Sendo que cerca de 70% das pessoas que praticam essas atividades

vêm da periferia e localidades (tabela 04), configurando o uso não apenas na área central. Todavia, o número de participantes de cada local ainda é restrito devido à falta de infraestrutura tanto da Casa, quanto do acesso a esta.

Apesar de abrigar cerca de 58,3% das atividades na Subprefeitura (gráfico 02), a instituição, para conseguir alcançar um número maior de cidadãos, usa as estruturas de centros comunitários das vilas ou das Igrejas Católicas, além das salas de aula das escolas. Já para os eventos e feiras, são utilizadas tendas improvisadas na Praça da Igreja Matriz Santo Agostinho, localizada na Avenida dos Imigrantes.

Ainda, o Distrito dispõe de poucos espaços para o lazer, entre eles “uma edificação de uso misto (Brotolândia Clube), que oferece atividades de esporte (futsal/bocha) e lazer (boate/sauna), abrangendo em escala menor, comportando apenas o bairro Rio Maina.” (DA SILVA, 2010, p.5).

Então, é notória a falta de espaço adequado, de modo que surge a necessidade da elaboração de um projeto de um centro cultural para que se possa concentrar as demandas existentes para as manifestações culturais (inclusive da etnia italiana que fundou o Distrito) e atividades de lazer cultural.

TABELA 01 – LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DAS ATIVIDADES DA CASA DE CULTURA DO DISTRITO DE RIO MAINA

| ATIVIDADES | DESCRIÇÃO | ONDE ACONTECE | (FREQUENCIA) POR SEMANA / HORÁRIOS | FAIXA ETÁRIA | TOTAL DE PESSOAS HOJE |
|------------------------|--|---|---|-----------------|---|
| Canto Coral (Infantil) | Ensino de técnicas vocais para grupo de pessoas. | Sala da Subprefeitura de proximamente 20 metros quadrados, adaptada ao uso. | 1x por semana 14:30-16:00 | 10-12 anos | 15 pessoas |
| Violão | Aulas para aprender a tocar violão, separadas pela faixa etária. | Sala da Subprefeitura de proximamente 20 metros quadrados, adaptada ao uso. | 2x por semana 9:00-11:00 16:00-17:00 | 6 -15 anos | 38 pessoas (entorno de 6 alunos por aula) |
| Violino | Aulas para aprender a tocar violino, separadas entre iniciantes e praticantes. | Auditório da Subprefeitura. | 2x por semana 13:00-16:00 | 6-65 anos | 20 pessoas (10 pessoas por aula) |
| Canto Coral (Adulto) | Ensino de técnicas vocais para grupo de pessoas. | Casas das Irmãs: adaptada ao uso e anexo à Igreja Santo Agostinho. | 1x por semana 19:00 -21:00 | 30-65 anos | 20 pessoas |
| Aulas de Artes Visuais | Produção de trabalhos artesanais com materiais recicláveis. | Sala da Subprefeitura de proximamente 20 metros quadrados, adaptada ao uso. | 1x por semana 9:00 -10:00 14:00-16:00 | 7-12 anos | 20 pessoas |
| Aulas de Balé | Ensino da dança, separadas pela faixa etária. | Centro Comunitário do Bairro Rio Maina. | 1x por semana 9:00 -11:00 14:00-16:00 | 4-15 anos | 70 pessoas |
| Capoeira | Aulas de capoeira. | Centro Comunitário do Bairro Rio Maina. | 1x por semana 17:00-18:00 | 7-15 anos | 15 pessoas |

FONTE: Casa de Cultura do distrito de Rio Maina, 2014.

TABELA 02 – LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DAS ATIVIDADES DA CASA DE CULTURA DO DISTRITO DE RIO MAINA

| ATIVIDADES | DESCRIÇÃO | ONDE ACONTECE | (FREQUENCIA) POR SEMANA / HORÁRIOS | FAIXA ETÁRIA | TOTAL DE PESSOAS HOJE |
|---|---|--|------------------------------------|--------------|--|
| Teclado | Aulas para aprender a tocar. | Sala da Subprefeitura de proximamente 20 metros quadrados, adaptada ao uso. | 1x por semana 14:00-18:00 | 7-65 anos | 15 pessoas (em torno de 3 pessoas por hora) |
| Acordeom | Aulas para aprender a tocar. | Sala da Subprefeitura de proximamente 20 metros quadrados, adaptada ao uso. | 1x por semana 18:00-21:00 | 7-21 anos | 12 pessoas (em torno de 3 pessoas por hora) |
| Teatro | Aulas que ensinam a interpretação e a oratória. | Escola Ângelo Felix Uggioni no Bairro Rio Maina. | 1x por semana | 7-12anos | 15 pessoas |
| Técnica vocal | Aulas de canto e voz. | Sala da Subprefeitura de proximamente 20 metros quadrados, adaptada ao uso. | 1x por semana 19:00 -21:00 | 20-60 anos | 30 pessoas |
| Contação de História | Contação de história nas visitas às escolas para os alunos de até 6 anos. Essas atividades são realizadas por sala de aula. | Escolas Municipais: Maria de Lourdes Carneiro Filho do Mineiro Criança Feliz Escola Estadual- Luiz Lazarim | 1x por semana Dia todo | Até 6 anos | 500 pessoas |
| TOTAL TOTAL (TABELA 01 + TABELA 02) = 198+572 = 770 pessoas | | | | | |

TABELA 03 – LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DOS EVENTOS REALIZADO NESTE ANO NA CASA DE CULTURA DO DISTRITO DE RIO MAINA

| EVENTOS | DESCRIÇÃO | ONDE ACONTECE | QUANDO | MÉDIA DE PESSOAS PARTICIPARAM DO ÚLTIMO EVENTO |
|---|---|---|------------|--|
| Sarau | Encontro de pessoas para recitar poesias, textos e apresentações musicais. | Auditório da subprefeitura do Distrito. | Mensal | 80 pessoas |
| Comemoração do Dia da Mulher | Aulas de dança música e apresentações artísticas. | Centro comunitário da Vila Isabel. | Anual | 70 pessoas |
| Comemoração do aniversário da Casa de Cultura | Aulas de dança música e apresentações artísticas e exposições de trabalhos. | Auditório da subprefeitura do Distrito. | Anual | 100 pessoas |
| Feira do Livro no Rio Maina | Vendas de livros, apresentações artísticas e exposições de trabalhos. | Praça da Igreja Santo Agostinho. | Anual | 5.000 pessoas |
| Exposição | Exposição trabalhos realizados por artistas da região, trabalhos produzidos pela Casa ou mesmo pelas escolas. | Depende do tipo de exposição, elas ocorrerem na sala ou no hall da subprefeitura; ou nas praças e centros comunitários das vilas e bairros. | periódicos | 600 pessoas (em torno de 200 pessoas por evento) |
| TOTAL | | | | 5850 pessoas |

| LOCALIDADES | NÚMERO DE PESSOAS |
|---------------------------|-------------------|
| Boa Vista | 9 |
| Caravaggio | 14 |
| Cidade Mineira | 4 |
| Floresta | 2 |
| Imperatriz | 3 |
| Laranjinha | 5 |
| Metropol | 3 |
| Mina União | 2 |
| Monte Castelo | 7 |
| Nova Esperança | 3 |
| São Francisco | 2 |
| São Luiz | 2 |
| Santa Augusta | 3 |
| Santa Barbara | 1 |
| Santa Catarina | 2 |
| Santa Cruz | 2 |
| Santa Luzia | 2 |
| Santo Antônio | 2 |
| Vila Francesa | 8 |
| Vila Isabel | 4 |
| Vila Macarini | 5 |
| Wosocris | 19 |
| Área Central (Rio Maina) | 46 |

TABELA 04: DESCREVE A ORIGEM DAS PESSOAS QUE UTILIZAM A CASA DE CULTURA PARA PRATICAR ATIVIDADES CULTURAIS

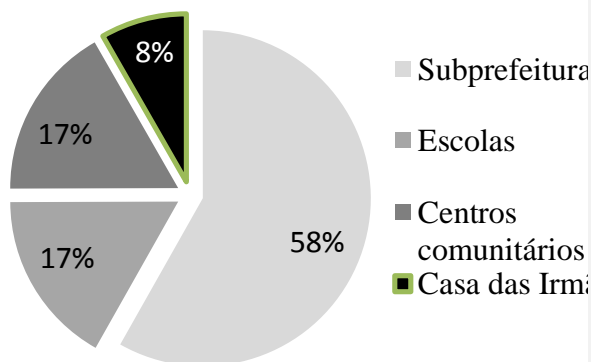
GRÁFICO 01 USUÁRIOS DO ÁREA CENTRAL E PERIFERIAS

FONTE: Casa de Cultura –Rio Maina-2014



- Área central: 30% da população dos usuários
- Periferias e localidade: 70% da população dos usuários

GRÁFICO 02 -RELAÇÃO DOS LUGARES ONDE ACONTECEM AS ATIVIDADES CULTURAIS



FONTE: Casa de Cultura –Rio Maina-2014

O número de pessoas levantado na Tabela 04 retrata apenas a quantidade de pessoas que praticam atividades na Casa da Cultura, desconsiderando o contingente que participa nas escolas e nos centros comunitário. Através dos dados, pode-se concluir que grande parte do público desloca-se de suas localidades até a Casa de Cultura, para realizar suas atividades, embora esse espaço não seja adequado, porque possui somente uma sala de 20 metros quadrados e essa ainda é adaptada aos diferentes usos ao longo dos turnos de atividade. Justifica-se nesse levantamento a proposição de um espaço cultural ao Distrito.

Das doze atividades hoje realizadas pela Casa da Cultura, 58% ocorrem na sede, assim, para conseguir comportar os alunos, as aulas são divididas em horários e turnos. Quando a demanda é grande demais, como no caso da aula de balé que chega a 70 crianças, realiza-se as atividades nos centros comunitários. Contudo, esses nem sempre estão disponíveis para uso porque abrigam outras atividades da comunidade.

4.1 OBJETIVO GERAL DO TC

Elaborar o anteprojeto, com embasamento teórico, de um Centro Cultural no Distrito de Rio Maina, Município de Criciúma/SC, com infraestrutura espacial adequada ao uso cultural e com espaço para abrigar a Casa de Cultura do Distrito.

e) Elaborar partido arquitetônico adequado, a fim de considerar as condicionantes legais e de memória do bairro.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO TC.1

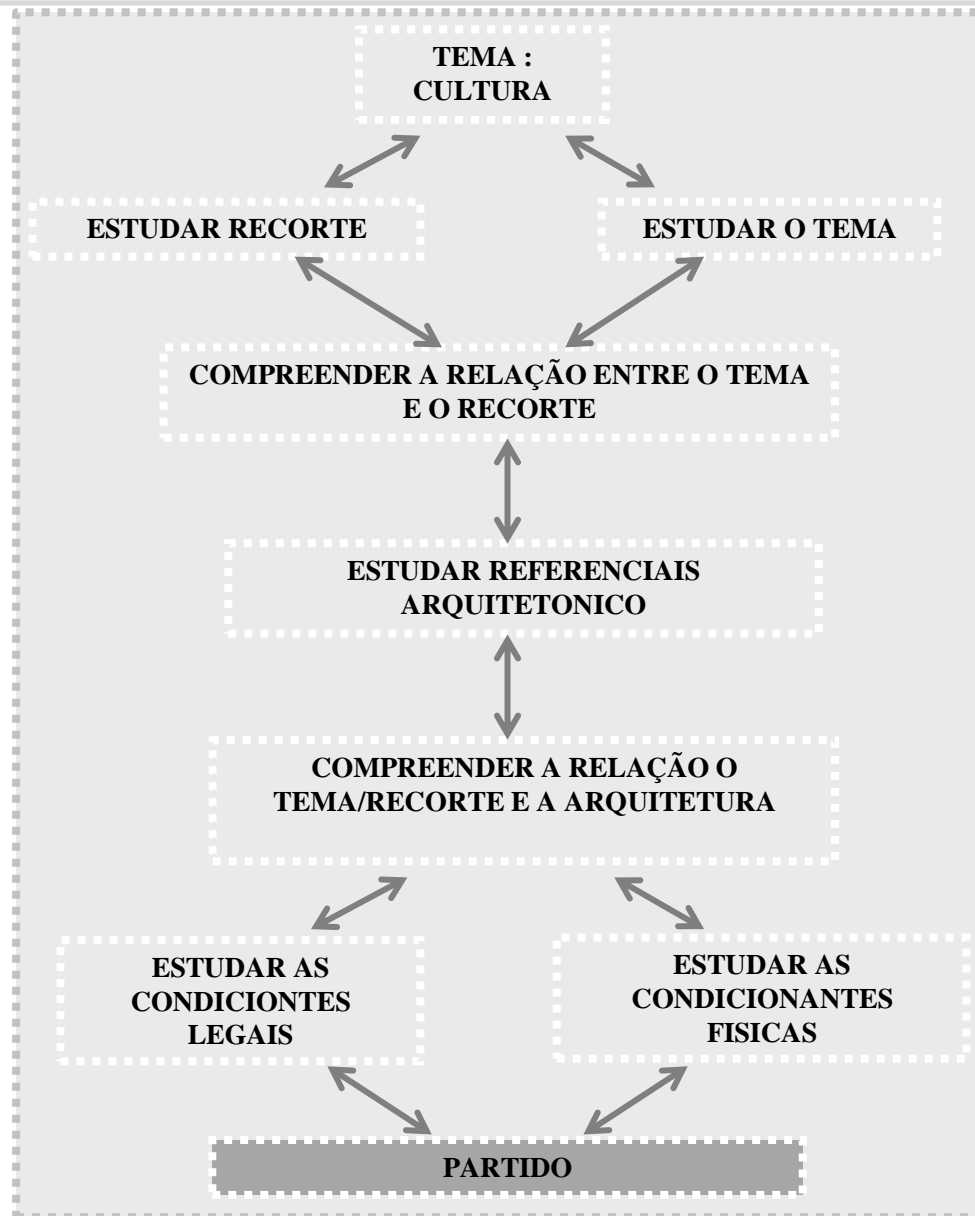
- a) Compreender a partir do referencial bibliográfico o que é um Centro Cultural, bem como suas atividades e suas necessidades, considerando as ações culturais já existentes realizadas pela Casa de Cultura;
- b) Realizar o histórico do Distrito de Rio Maina, compreendendo sua evolução e identificando a memória e identidade;
- c) Levantar e analisar o contexto urbano do Distrito de Rio Maina, para definir o recorte do projeto;
- d) Estudar e analisar os referenciais arquitetônicos com vistas a entender os elementos espaciais para implantação de um Centro Cultural;

A fundamentação teórica foi baseada nos levantamentos bibliográficos que visam ao estudo do que já se produziu e registrou a respeito do tema abordado.

A pesquisa bibliográfica ou fontes secundárias abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico [...]. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que já foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]. (LAKATOS; MARCONI, 1991, p.183).

A pesquisa pautou-se no tema abordado, logo se tornou fundamental o estudo dos conceitos de cultura, seus significados e sua relação com sociedade atual. Sendo assim, compreende-se as ações culturais como um instrumento de integração social e provedor da identidade local. Estudou-se a cultura para compreender seu significado, percebendo suas relações com o processo histórico e a memória individual/coletiva de cada local.

Fig. 07: Esquema conceitual da metodologia
Fonte : Autora



6.1 O QUE É CULTURA

A cultura é fundamental para manter viva a memória coletiva, como também para a construção das características do lugar. “A cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade, [...] uma construção histórica” (SANTOS, 2008 p.41-45) Ainda, de acordo com o referido autor, o estudo da cultura volta-se às maneiras pelas quais a realidade que se conhece é codificada por uma sociedade, através de palavras, ideias, doutrinas, teorias, práticas costumeiras e rituais.

Sob esse mesmo aspecto, Aranha (1992) define cultura como sendo um processo em constante evolução, desenvolvido por um grupo social, uma nação, uma comunidade. É fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento de valores espirituais e materiais.

A cultura é fundamental para o fortalecimento da identidade de um povo:

Lendas ou crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições – esses fenômenos não dizem nada por si mesmos, eles apenas o dizem enquanto parte de uma cultura a qual não pode ser entendida sem referência a realidade de que faz parte, à história de sua sociedade. (SANTOS, 2008, p.47).

Sob esse aspecto, o processo histórico se configura de suma importância à preservação da identidade local. Conforme Santos (2008), nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade, onde a mudança é um aspecto fundamental.

Dessa maneira, espaços culturais são mantenedores dessa cultura, que é viva e mutante. É a partir deles que se aprende, vivencia e promove.



Fig. 08: Teatro Infantil- Atividade da Casa da Cultura –Rio Maina

Fonte: Casa de Cultura – Rio Maina, 2014



Fig. 09: Apresentação de dança das crianças – Casa de Cultura – Rio Maina
Fonte: Casa de Cultura – Rio Maina, 2014



Fig.10: Exposição de arte colcha de retalhos na Casa de Cultura- Rio Maina
Fonte: Casa de Cultura – Rio Maina, 2014

6.2 A CULTURA PRESERVADA: PATRIMÔNIO CULTURAL

A partir da produção dessa cultura é materializada e expressa por meio do Patrimônio cultural, definido como um conjunto de todos os bens que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados de interesse relevante à permanência e à identidade da cultura de um povo. O patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo, de uma comunidade. Ele faz parte do cotidiano e estabelece as identidades que determinam os valores que se defende (IPHAN, 2012).

A preservação do patrimônio mantém viva a

memória e a identidade local, “[...] devemos então de qualquer maneira, garantir a compreensão de nossa memória social preservando o que for significativo dentro do vasto repertório de elementos e componentes do Patrimônio Cultural” (LEMOS, 1981, p.29).

Segundo a Constituição Federal promulgada em 1988, em seu artigo 126: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, [...] portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos [...]”. A Lei nº 25/1937 organiza a proteção dos patrimônios histórico e artístico nacionais e separa o Patrimônio Material do Imaterial.

A preservação do patrimônio trabalha com a memória coletiva, sendo essa definida como uma evocação do passado, a sua atualização, conservando na lembrança o que se foi. Para além da memória individual, inserida na dimensão pessoal, há a memória coletiva ou social, registrada nos documentos, relatos e produtos de uma sociedade. A memória coletiva está sempre em transformação e o seu esquecimento significa que os grupos que dela guardavam a esqueceram. Por conseguinte, o cidadão, aos poucos, deixa de identificar as características da sua cultura (ADAMS, 2002).

Todo patrimônio ilustra uma determinada época, sua cultura popular e erudita, assim como a hierarquia da sociedade. Em Criciúma, a Casa Londres, a Casa da Cultura Professora Neusa Nunes Vieira, as edificações art'deco em torno da praça Nereu Ramos, são alguns patrimônios que ajudam a contar e manter viva a história da cidade.

O Patrimônio Cultural de natureza Material é aquele que por hábito chamamos de Patrimônio, ou seja, tudo aquilo que o homem ao interagir com o meio em que vive e usando os conhecimentos adquiridos, fabricou ou construiu ao longo de sua existência.

Nesse sentido, no Distrito de Rio Maina há edificações que ainda hoje se mantêm conservadas e que são de grande importância para a memória coletiva e a identidade.

A Ferrovia Tereza Cristina, que corta a cidade e está também presente no Distrito, tem sua relevância na história, uma vez que foi por meio da exploração do carvão que o desenvolvimento urbano aconteceu.

Juntamente à Ferrovia, a Avenida dos Imigrantes se desenvolveu por ser a principal ligação com centro da Cidade e com os municípios vizinhos. A referida Avenida firmou-se desde o

início como um centro de bairro, com comércio local, tornando-se o eixo estruturador para locação dos principais edifícios.

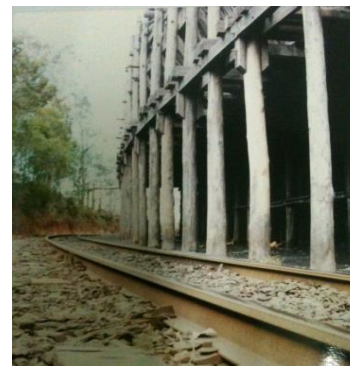


Fig. 11: Antiga coqueria –Distrito de Rio Maina
Fonte –Casa de Cultura -Criciúma



Fig. 12; Asfalto do Rio Maina
Fonte Casa de Cultura- Criciúma, 1978

Dentro desse contexto, ressalva a importância de se preservar a paisagem urbana, que segundo Cullen (1983) é a “[...] arte de tornar coerente organizado visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano”. Pois, é por meio dessa paisagem que o indivíduo se localiza e se identifica. Reforça Lynch (1999) que os próprios edifícios são

inter-relacionados de modo a formarem um espaço identificável e que a memória precisa das “pedras” para permanecer viva.

Na Avenida dos Imigrantes (fig.15) pode-se identificar relevantes edificações fundamentais para a memória dessa paisagem urbana e, por consequência, para a preservação da memória dessa cultura dos primeiros imigrantes, entre eles estão: a Casa da Família Scotti (fig.13), considerada a segunda casa mais antiga do Distrito; antiga Sede da Secretária da Carbonífera Criciúma, essa é lembrança da população por ser o local onde os mineiros se reuniam especialmente nos períodos de luta por seus direitos; atualmente sem uso, a Igreja Católica (fig.14), centralidade urbana do Distrito ontem e hoje; e o Brotolândia (fig.16), local de festas.



Fig. 13: Casa da Família Scotti 01 (2010)
Fonte Casa de Cultura - Criciúma

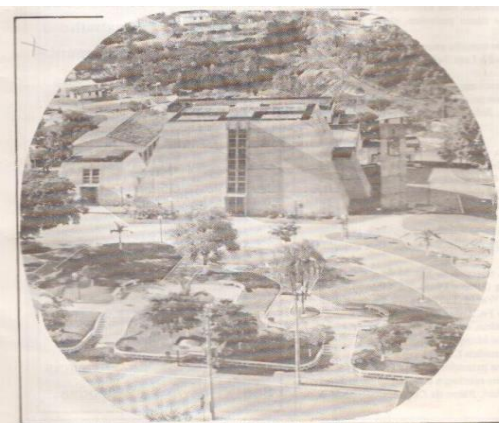


Fig.14: Igreja Santo Agostinho (1990)
Fonte: Revista Centenário –Rio Mania



Fig. 15:Avenida dos Imigrantes (1979)
Fonte: Casa de Cultura - Criciúma



Fig.16:Antiga Sede do Brotolândia (1979)Fonte: Rodeval Milanez



Fig. 17 Antiga Sede da Secretária da Carbonífera Criciúma *



Fig. 20: Linha ferrea*

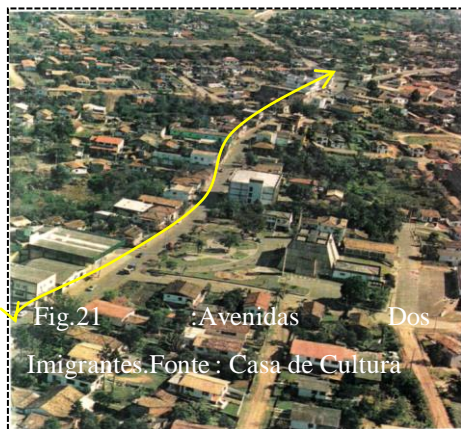


Fig. 21 Avenidas Dos Imigrantes. Fonte: Casa de Cultura



Fig. 18: Brotolandia*



Fig. 19: Casa Familia Scotti 02*



Fig. 22- Igreja Matriz Santa Agostinho*

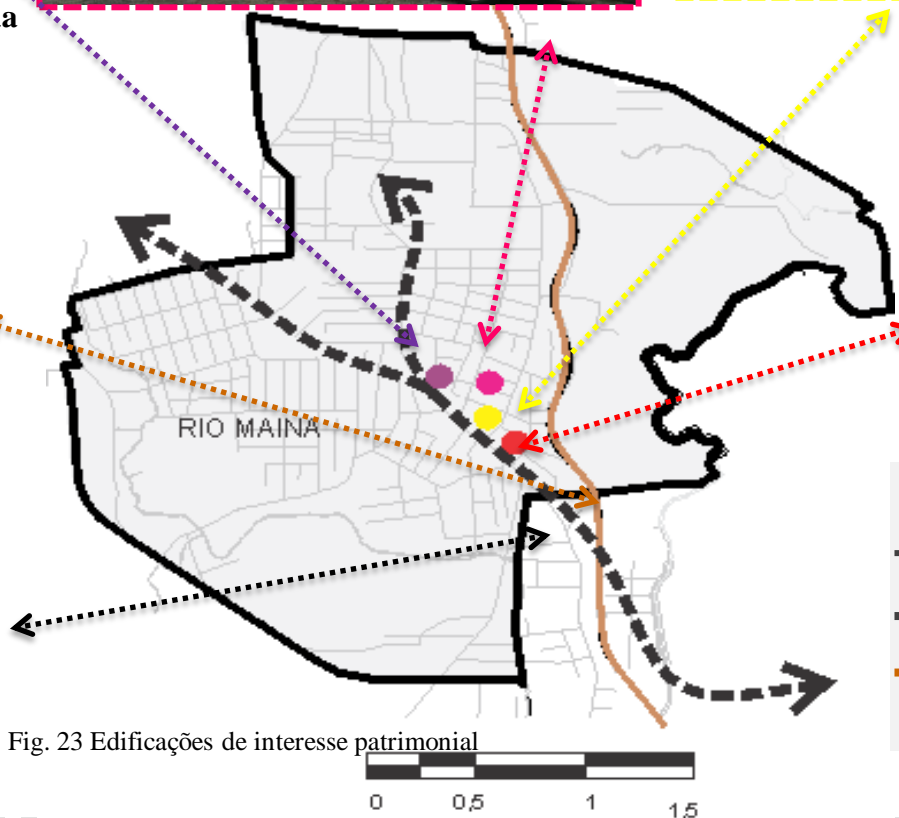


Fig. 23 Edificações de interesse patrimonial

LEGENDA:

- AVENIDA DOS IMIGRANTES
- LIMITE DO BAIRRO RIO MAINA
- LINHA FERREA

O Patrimônio Imaterial refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e também ao saber fazer. São elementos não tangíveis ao Patrimônio Cultural, compreendem toda a capacidade de sobrevivência do homem em seu meio ambiente (LE MOS, 1981, p.09).

Há formas de expressão, de criar e de viver singulares em cada lugar, tendo uma relevância para memória e identidade. No Distrito de Rio Maina, essas atividades são vivenciadas e prestigiadas pela comunidade de forma a propagarem-se a cada geração, especialmente através das festas populares e dos costumes dos imigrantes italianos.

No Distrito, o Circulo Bergamasco - uma entidade sem fins lucrativos, que tem como objetivo divulgar a cultura e a tradição dos antepassados, com o resgate da cultura italiana. A entidade encontra-se no último domingo do mês na casa de uma família, recontando as histórias dos imigrantes e apreciando as comidas típicas. (POLICARPI, 2014).

Além disso, acontece a Festa Dell Immigrazione, que tem por objetivo resgatar a história e a cultura italiana.

Procura-se reviver e relembrar como os primeiros imigrantes chegaram à cidade de Criciúma, os quais vindos de Nova Veneza iniciaram a colonização. Busca-se mostrar os costumes, tradições e crenças dos descendentes italianos, fazendo com que a geração presente não perca os ensinamentos que vêm sendo transmitido através das gerações. (POLICARPI, 2014).



Fig.24: Brasão do Circulo Bergamasco

Fonte: Portal Rio Maina



Fig.25: Brasão Festa Dell Immigrazione

Fonte: Portal Rio Maina

Outra festa tradicional chama-se “Festa de Santo Agostinho”, celebrada por conta da construção da primeira Igreja Católica no ano de 1949, pelo Padre Humberto Oenning. A festa ocorre todo o mês de agosto e concentra público de grande parte das vilas e bairros vizinhos.



Fig. 26 :Festa de Santo Agostinho (2013)

Fonte: Paroquia Santo Agostino



Fig.28: Festa do Distrito de Rio Maina (1990).Fonte: Revista Centenário –Rio Mania

Essas manifestações fomentam as características locais, promovendo a cultura do Distrito, uma vez que segundo Santos (2008, p.22) a “[...] cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou ao seu modo de se vestir, à sua comida, ao seu idioma”.

Logo, preservar a cultura e torná-la parte do cotidiano dos moradores é fundamental para que não seja perdida no tempo.



Fig. 27:Desfile de Sete de Setembro

(2014) no Distrito Fonte: Autora



Fig.29:Desfile de Sete de Setembro no Distrito Fonte: Arquivo Rodeval

A preservação transcende a recuperação dos edifícios isolados e dos monumentos.

Manter viva a memória das tradições de um povo vai além de apenas preservar costumes, esses devem estar inseridos dentro da sociedade, para que se possa aprender sobre a sua importância. “A procura por uma identidade requer muito mais do que a manutenção de forma congelada no tempo e a valorização plena das coisas autênticas: exige sua reutilização com sentido social”. (ADAMS, 2002, p.20).

No Distrito do Rio Maina percebe-se que a cultura, nas suas manifestações materiais e imateriais, tem pontos a serem conservados como memória e identidade. Apesar das manifestações materiais serem mais escassas, a Avenida dos Imigrantes ainda guarda importância pela memória de ser o eixo de acesso ao Distrito. Já a cultura imaterial é rica e ainda se manifesta de diferentes maneiras.

Como esse quadro, reforça-se a ideia de um Centro Cultural, com recorte na Avenida dos Imigrantes e que envolva as diferentes manifestações culturais e de memória do Distrito. A seguir, apresenta-se o que o Brasil tem feito em prol de valorizar sua cultura.

6.3 O TEMA DA CULTURA NO BRASIL

O Brasil possui grande diversidade cultural, com extenso patrimônio material e imaterial. Suas ações governamentais para o incentivo à cultura se consolidaram somente com a criação do Ministério da Cultura, em 1985.

Atualmente, embora haja incentivo governamental à cultura, esse fica bastante restrito aos produtores culturais.

[...] o que se fez nesse tempo todo foi dar algum apoio [...] aos produtores de cultura e, dentre estes, àqueles ligados ao mercado da arte e da cultura, isto é, da cultura enquanto bem trocável por dinheiro. (COELHO, 1989, p.11)

Surge, assim, a necessidade de criar práticas que incentivem diferentes manifestações culturais. Segundo Jordão (2012), o governo no âmbito do Ministério da Cultura lançou um plano de diretrizes e ações para o período de 2011 a 2014, com o intuito de incentivar a cultura, sendo norteadada pelos seguintes princípios: o saber, a diversidade cultural, a sustentabilidade, a inovação e a inclusão social.

Há diversas formas de se incentivar a cultura nas cidades, “[...] há diversos modos de se fazer isso, uma quantidade talvez infinita, seguramente indefinida [...] um desses modos: o

das Casas da cultura ou centros culturais.” (COELHO, 1989, p.15).

6.4 O QUE SÃO CENTROS CULTURAIS

Os centros culturais representam muito mais do que apenas um ambiente para expressões culturais, pois acabam por edificar neles mesmos toda a história cultural do ambiente onde se inserem. Ainda, um Centro Cultural tem o objetivo de resgatar a importância das histórias das cidades, fazendo com que elas continuem (ROCHA, 2011). O Centro Cultural deve atender tanto o artista, quanto o público, segundo Milanesi (1991), o centro cultural é um local que deve favorecer a criação das obras de arte, o enriquecimento do patrimônio cultural, promover a informação para o público, gerando, assim, uma formação cultural tanto do usuário do espaço, como do artista.

Ainda, esses devem incentivar um ciclo de ação por meio dos verbos como: informar, discutir e criar; onde o público tem acesso à informação e com esta pode discutir sobre cultura, possibilitando aos usuários a formação de uma opinião própria sobre o assunto, os quais após esse processo podem voltar ao primeiro verbo “informar”, quando decidem expressar suas opiniões através de alguma linguagem, formando, assim, o ciclo e possibilitando uma ação cultural contínua. (MILANESI, 1997).

De acordo com Rocha apud Silva (1998), um centro cultural sempre refletirá a cultura de sua sociedade ou grupo social e realizará suas atividades em harmonia com esta sociedade ou grupo. Ademais, as tipologias de Centro Culturais devem ser ambientes livres para todas as expressões artísticas. Um local que permita a discussão cultural entre as diferentes visões dos indivíduos de um espaço, fazendo com que estes ambientes não sejam destinados apenas ao lazer, mas também para fornecer a identidade cultural de uma região. (ROCHA, 2011).

Sob esse aspecto, Coelho (1997) diz que os centros culturais devem ser espaços públicos com acervo e equipamentos como cinemas e bibliotecas, sendo esses permanentes, oferecendo aos usuários alternativas variadas de atividades. Ele define que quando um espaço com essa formatação física está nas mãos da iniciativa privada, este deve ser diferenciado dos centros culturais, sendo denominado de espaço cultural.

Conclui-se, desse modo, que um Centro Cultural, por meio das atividades realizadas pelas pessoas, conseguirá transmitir a cultura, sendo assim, o equipamento proposto irá promover a cultura já

produzida por meio da Casa da Cultura do Distrito, na qual envolverá ambientes para expressão corporal, como por exemplo, a dança, outros que envolvem música, como aula de canto ou de instrumentos musicais, oficinas nas quais possa ser produzida a arte local, além de áreas de exposições e prestações

6.4.1 A EVOLUÇÃO TIPOLÓGICA DOS ESPAÇOS PARA ABRIGAR A CULTURA

O Centro Cultural é resultado da evolução dos museus, percorrendo os diferentes estilos arquitetônicos, como confirma Costa (2013, p.81):

O edifício cultural surge inicialmente com o termo museu, mas sofre mutações para atender demandas tanto relacionadas à cultura como à arquitetura nos diversos períodos arquitetônicos: modernismo, pós-modernismo e contemporâneo.

O primeiro espaço dedicado exclusivamente às artes surge no século XVI, em Florença, quando François I reúne sua coleção de obras de arte no corredor de seu palácio, denominando o espaço de *galerie*.

Somente por volta do século XVIII, surgiram os primeiros museus públicos, mas possuindo acessos restritos para parte da população. (KIEFER, 2000).

Dentro desse contexto destacam-se três nomes importantes no papel do entendimento da arquitetura propositiva dos museus: Étienne-Louis Boullée, J.N.L. Durand, Leo von Klenze*.

Denominado como um dos pioneiros a abordar a relação entre Arquitetura e a Arte, Étienne-Louis Boullée. (Paris, 1728-1799), foi considerado um personagem importante para o entendimento da arquitetura dos museus na época. Boullée escreveu um livro, “*Arquitectura Ensayo sobre el arte*”, no qual apresenta modelos de projetos para os mais diversos usos, todavia, ainda não faz referência ao programa de necessidades. O projeto do museu de Boullée é organizado com quatro eixos de simetria, mas não dá a indicação de que tipo de obras de arte abrigaria ou de como essas seriam expostas nesses imensos espaços, praticamente compostos por colunas e cobertura. (KIEFER, 2000).

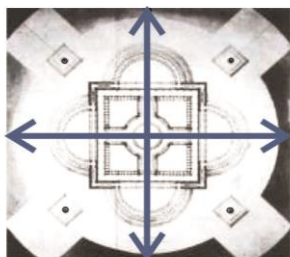


Fig. 30 :Projeto de um museu, E.L. Boullée, 1783 - Modelo genérico Fonte: KIEFER (2000) adaptado pela Autora (2014).

LEGENDA:



QUATRO EIXOS DE SIMETRIA

Durand define em seu livro, “*Précis des leçons d’architecture*”, editado em 1819, com mais precisão, os museus, a partir de uma comparação com as bibliotecas.

[...] enquanto as bibliotecas guardam o mesmo tipo de objeto, os museus “mesmo os destinados unicamente a abrigar as produções das artes, se contêm objetos de diferentes espécies e são compostos de partes destinadas a estudos diferentes, devem, para que a calma que deve reinar em cada uma delas não seja quebrada, oferecer, além da entrada principal, tantas entradas particulares quanto as partes distintas que contenha. (KIEFER, 2000, p.15).

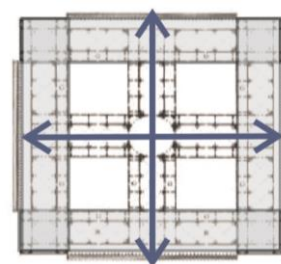


Fig.31: Projeto para um museu genérico, J.N.L. Durand, 1803
Fonte: KIEFER (2000) adaptado pela Autora (2014).

LEGENDA:



EIXO DE SIMETRIA



ESPAÇOS SEGREGADOS

Segundo Costa (2013), essa nova definição para os museus agregou a vocação educacional, como escolas de artes. Além disso, distribuiu o espaço do museu em dois setores principais: a galeria de exposição e os gabinetes dos artistas.

Sob a influência das lições de Durant, Leo von Klenze (1784-1864) projetou o museu Glyptothek de Munique, onde eliminou qualquer tipo de espaço secundário. As rotundas receberam luz zenital, enquanto as galerias receberam luz indireta através de janelas que se abrem para o pátio interno. Na fachada, há um interessante jogo de colunata e frontão grego, para marcar de forma imponente o acesso e os nichos das falsas janelas de caráter renascentista. Assim, Klenze propôs salas mais integradas, organizando os espaços de forma interligada. (KIEFER, 2000).

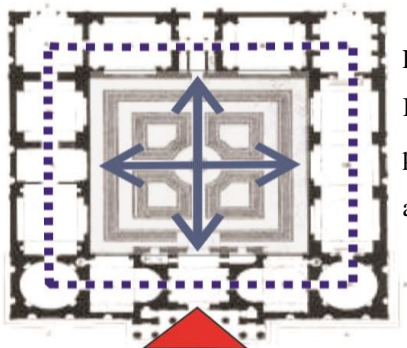





Fig. 32: Glyptothek de Munique, Leo von Klenze, 1830 - Interligação das galerias e pátio interno Fonte: KIEFER (2000) adaptado pela Autora (2014).

LEGENDA:

-  ENTRADA PRINCIPAL
-  EIXO DE SIMETRIA
-  CONTINUIDADE DOS ESPAÇOS (SALAS INTEGRADAS)

Os exemplos resultaram da fórmula museu-palácio em termos urbanos e simbólicos e representaram modelos protótipos para outros projetos da mesma época. Entre as qualidades podem ser apontadas como as mais relevantes, a criação de um circuito sequencial de visitação e a consolidação de sub-circuitos independentes.(COSTA, 2013).

Com passar do tempo, esses projetos passaram a ser criticados por não possuírem espaços contínuos, configurando-se como lugares cansativos e meramente instrutivos. Surge, dessa forma, a necessidade de implementação de novas tipologias.

Apesar de a arte moderna ter se iniciado no século XX, a arquitetura do museu Modernista surge em 1931, com o projeto: *Musée de la Connaissance* (Museu sem Fim), de Le Corbusier, nos arredores de Paris.

Embora o projeto nunca tenha sido construído, concretizou-se num importante modelo.

O museu não tem fachada; o visitante nunca verá fachadas; ele somente verá o interior do museu. Porque ele entra no coração do museu por um subterrâneo [...] O museu é expansível à vontade: sua planta é uma espiral; verdadeira forma de crescimento harmoniosa e regular. (KIEFER, 2000, p.18 apud BOESIGER,1976).

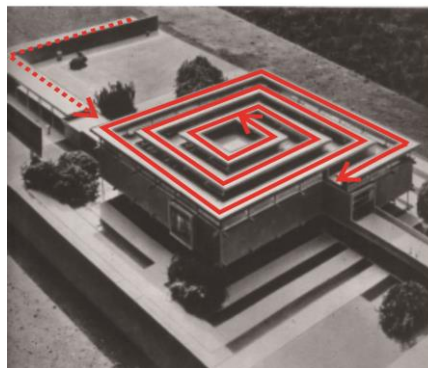


Fig. 33 Musée de la Connaissance, Le Corbusier, 1931. Fonte: KIEFER (2000) adaptado pela Autora (2014).

LEGENDA:

- ↔ CONTINUIDADE DA FORMA
 ↔ ENTRADA DO EDIFÍCIO

Esse mesmo princípio é visto no museu Guggenheim, em Nova York, projetado em 1943 por Frank Lloyd Wright, que transformou uma espiral ascendente e curva que gira em torno de um vazio em um circuito sequencial, privilegiado com iluminação zenital.

Embora a sequência dos espaços de exposição seja contínua, há problemas no que tange à funcionalidade do museu, como afirma Kiefer (2000, p. 19): “[...] sua funcionalidade foi severamente criticada desde sua inauguração, tanto pela obrigatória linearidade de qualquer exposição quanto, pela dificuldade de exposição de obras de grande tamanho”.

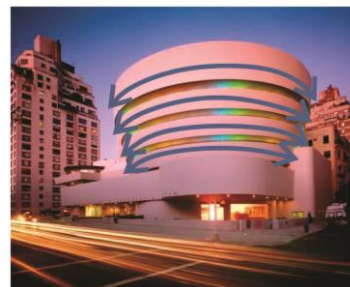


Fig. 34: Museu Guggenheim Nova York 01
 Fonte: The Guggenheim Org. apud COSTA (2013) adaptado pela Autora (2014).



LEGENDA:

- ↔ CONTINUIDADE ATRAVÉS DAS
 FORMA ESPIRAL
 ILUMINAÇÃO NATURAL
 CORREDORES PARA
 EXPOSIÇÃO

Fig. 35: Museu Guggenheim Nova York 02

Fonte: The Guggenheim Org. apud COSTA (2013) adaptado pela Autora (2014).

No que diz respeito à continuidade espacial, no Brasil, destacam-se dois projetos: o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, projeto de Reidy em 1954. Nele há um grande salão com vão livre e sem pilares internos. O segundo exemplo é o projeto de Lina Bo Bardi para o Museu de Arte de São Paulo (MASP), que se relaciona com o contexto urbano, projetando um vão livre no nível do térreo de 70 metros de extensão.



Fig. 36: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM). 01

Fonte: Guia-RJ.com apud COSTA (2010) adaptado pela Autora (2014).

TRANSPARÊNCIA ATRAVÉS DOS VIDROS

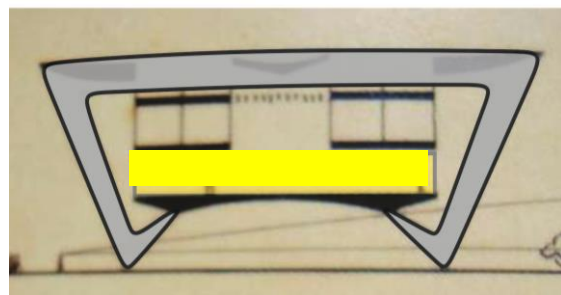


Fig. 37: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM). 02

Fonte: Guia-RJ.com apud COSTA (2010) adaptado pela Autora (2014).

LEGENDA:



ESTRUTURA APARENTE DE CONCRETO



VÃO LIVRE

Como afirma Alves (2010), o projeto da Lina, por meio da transparência dos vidros e da liberação do solo para o espaço público, trouxe democratização da arte, comunicação entre as obras, aproximação entre a arte, a vida e o público.

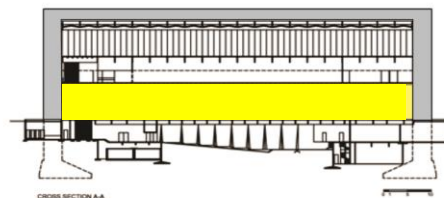


Fig.38 :Museu de Arte de São Paulo, MASP. Fonte: COSTA (2013) Apud TAVARES (2012)



Fig.39 :Museu de Arte de São Paulo, MASP 02Fonte: COSTA (2013) Apud TAVARES (2012)

LEGENDA:



TRANSPARÊNCIA ATRAVÉS DOS VIDROS



ESTRUTURA APARENTE DE CONCRETO



VÃO LIVRE

Com esses novos conceitos, o Modernismo acarretou aspectos positivos e negativos na tipologia arquitetônica. A busca pela forma prejudicou os espaços internos, contudo a simplificação dos espaços com fluidez e transparência integrou as salas de exposição e as circulações em um contínuo espacial. Essa é característica a ser explorada na pós-modernidade e, ainda, na contemporaneidade.

Não apenas as formas dos museus mudaram, mas também sua conceituação, com novos programas de usos, como apresenta Kiefer, (2000, p. 20):

Não era apenas a forma do museu que estava mudando, havia toda uma nova conceituação por trás desses projetos. Os museus agora eram projetados para serem lugares agradáveis de ficar até mesmo independentemente de seus motivos-objeto: o acervo exposto. Para isso, foram agregados novos serviços como restaurantes, lojas, parques e jardins, além de outras facilidades e, mais do que tudo, em contraposição ao museu antigo, muita luz natural iluminando amplas circulações e grandes espaços de exposição muito mais integrados e fluidos.

Essa mudança programática vai dar origem a diversas variações de museus, com diferenças ditadas pelas demandas espaciais e funcionais do lugar, dando origem aos conhecidos Centros Culturais. (COSTA, 2010).

A transformação gradativa da função do museu criou possibilidades do surgimento de diferentes tipologias como os Centros Culturais. Esses reúnem em um só edifício ou conjunto edificado, diversas funções voltadas à cultura e ao público visitante, como já apresentado. (COSTA 2010 apud DALL'IAGNA; GASTAUD, 2010).

Com a pós-modernidade, os espaços museais passaram a abrigar uma série de novos ambientes, suprimindo necessidades

dessas novas demandas sociais e culturais. Programas como restaurantes, cafés, lojas, livrarias, bibliotecas e teatros passaram a fazer parte do ideário do espaço da cultura. (ALVES, 2010).

Os Centros Culturais surgem como resposta a esse novo panorama de espaços, apostando na característica efêmera das artes pós-moderna. Para Alves (2010), tais características contribuíram para a mudança de público e frequência de uso desses espaços. Os referidos locais passaram a atrair um maior público, mais variado, dentro de uma lógica turística urbana pertencente a um sistema mercadológico.

Dentro desse contexto, pode-se citar como exemplo o Centro Cultural Georges Pompidou, projetado por Richard Rogers e Renzo Piano em 1977. Nele, o pluralismo funcional está presente não só nas áreas de exposição, mas também por gerar um polo de convivência, o que veio a ser uma característica marcante nessa nova tipologia.



Fig. 40: Centro Cultural Georges Pompidou
Imagem de domínio público

Considerando, então, a cena artística formada no final do século XX, pode-se afirmar que na disciplina museográfica/expográfica houve uma remodelação com o intuito de melhor atender às solicitações da própria arte e de dialogar com um público que já não respondia às linguagens da tradição modernista. Além disso, devido a grande visibilidade que a cultura foi adquirindo na sociedade capitalista, os espaços de exposições “conquistaram” *status* de engrenagem econômica, o que os obrigou a incorporar algumas características que atendessem ao novo apelo consumista, que se esperava desses novos edifícios. (ALVES, 2010).

Antes um direito, agora um dever político-administrativo, a cultura tornou-se item fundamental na máquina capitalista, adquirindo contornos de local de entretenimento.

“o objeto da arte não é simplesmente exposto num espaço, pressupondo, pelo recolhimento, um mergulho em seu interior [...] Contrariamente, o que se pretende nas exposições atuais é atingir não só um único sujeito, mas toda a esfera pública, por meio de sensação, entretenimento, diversão,

evento, ou seja, do espetáculo como imagem e distração”. (CASTILLO, 2008, p.284-285).

Conclui-se que ao longo do tempo os períodos arquitetônicos foram se modificando para atender a demanda social e artística. Corroborando com a ideia que a cultura não pode ser considerada inerte, essa se molda para se consolidar.

6.5 A CULTURA EM CRICIÚMA: FUNDAÇÃO CULTURAL DE CRICIÚMA E A CASA DE CULTURA

A Fundação Cultural de Criciúma (FCC) é a entidade gestora da cultura vinculada ao Poder Público Municipal. Foi instituída em 15 de março de 1993, como fundação pública e sem fins lucrativos. Tem por objetivo incentivar, difundir, fomentar e promover a prática e o desenvolvimento de atividades culturais artísticas e turísticas do Município. Está devidamente vinculada ao Ministério da Cultura, visando ao desenvolvimento do Sistema Nacional da Cultura.

As casas de culturas surgiram na época do pré-anúncio do golpe de 1964. O objetivo era atender à população dos municípios onde eram instaladas. (JORDÃO, 2011 p.16). Contudo, as ações da Casa da Cultura tornaram-se efetivamente atuantes após a criação do Ministério da Cultura no governo de Sarney, em 1985. A Casa da Cultura é uma organização amparada por leis que

visam à valorização da cultura nacional. Essa instituição trata-se de um instrumento a serviço do indivíduo, de forma singular ou coletiva, sendo uma forma privilegiada de ação cultural. (COELHO, 1989). É um local para reunião de produtos culturais, onde existe a possibilidade de discutir, praticar e, ainda, de criar novos produtos. A Casa se torna fundamental para que a população continue a exercer o desejo mais primitivo de agrupamento social tão inerente ao ser humano. (BOYA ZOMER, 2008, p. 10).

A Casa da Cultura incentiva e colabora para a realização desses eventos na cidade de Criciúma. É administrada pela Fundação Cultural de Criciúma e nas suas dependências, no centro do município funcionam: o Arquivo Histórico Pedro Milanez, o setor de Patrimônio Histórico e a coordenação da Casa da Cultura.

No distrito de Rio Maina existe uma Casa da Cultura, a qual é considerada uma extensão da Fundação Cultural de Criciúma. Foi fundada em vinte e cinco de abril de 2013. Sua criação veio para incentivar novas práticas de cultura e lazer.

Atualmente, localiza-se na mesma sede da subprefeitura do Distrito. Sem salas fixas e com algumas ações culturais acontecendo nos Centros Comunitários. A Casa

proporciona atividades como aulas de violão, teclado, acordeão, violino, artes visuais, teatro, balé, canto, coral, técnica vocal, leitura de histórias, musicais, grupos artesanais, saraus e exposições. Contudo, os espaços de exposições e auditórios são utilizados da própria Intendência, não havendo um local devidamente adequado para tais atividades.



Fig.40 e 41 Desfile Sete de Setembro de 2014 – Apresentação de atividades culturais da Casa de Cultura

Fonte: Autora

Tendo aproximadamente mais de 719 pessoas cadastradas para as atividades e reunindo os eventos promovidos para mais de duas mil pessoas, a infraestrutura mostra-se defasada.

Assim, um Centro Cultural que possa sediar a Casa de Cultura do Rio Maina vem para agregar e auxiliar nas atividades, dando suporte físico adequado, além disso, contribui para unir essas ações culturais fragmentadas e fortalecer a identidade local.

6.6 LOCALIZAÇÃO E ENTORNO DA CASA DE CULTURA DO DISTRITO DE RIO MAINA

A Casa de Cultura do Distrito de Rio Maina se localiza a 600 metros da Avenida dos Imigrantes e a 300 metros da rodovia SC 447, seguindo pela rua Miguel Napolini. Tem sua sede em umas das salas da subprefeitura do Rio Maina, o seu entorno é característico para comércio pesado e indústrias. Acrescido a isso, das sete linhas de ônibus que circulam pela Avenida dos Imigrantes apenas uma passa em frente a instituição e dificultando sua acessibilidade

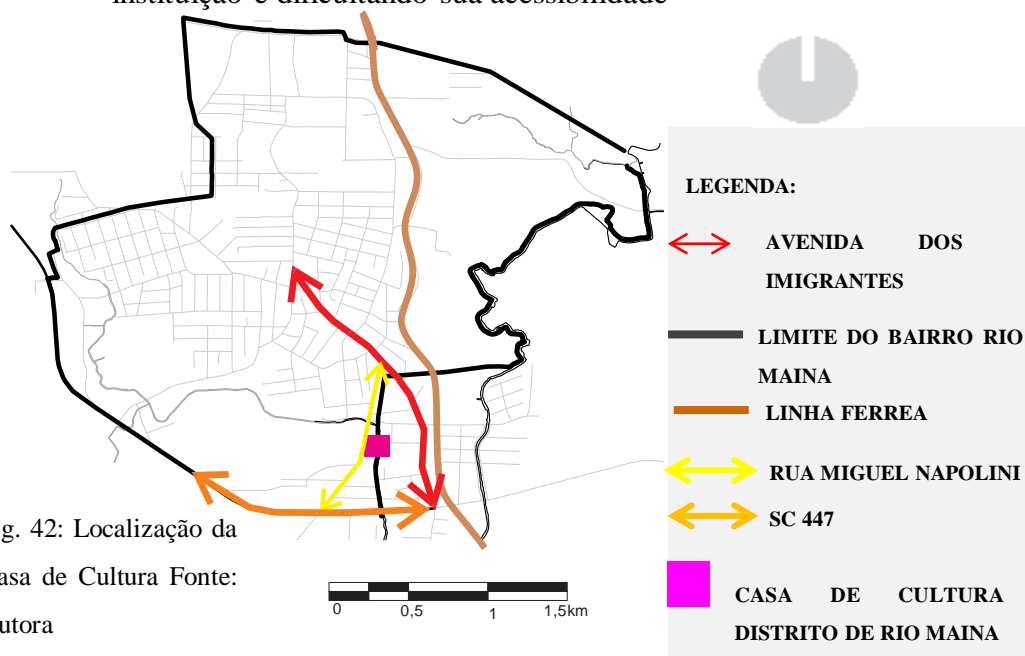


Fig. 42: Localização da Casa de Cultura
Fonte: Autora

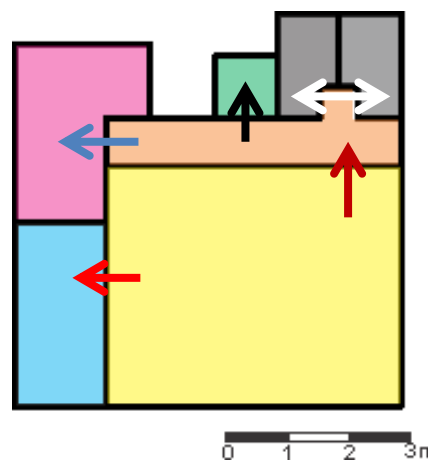
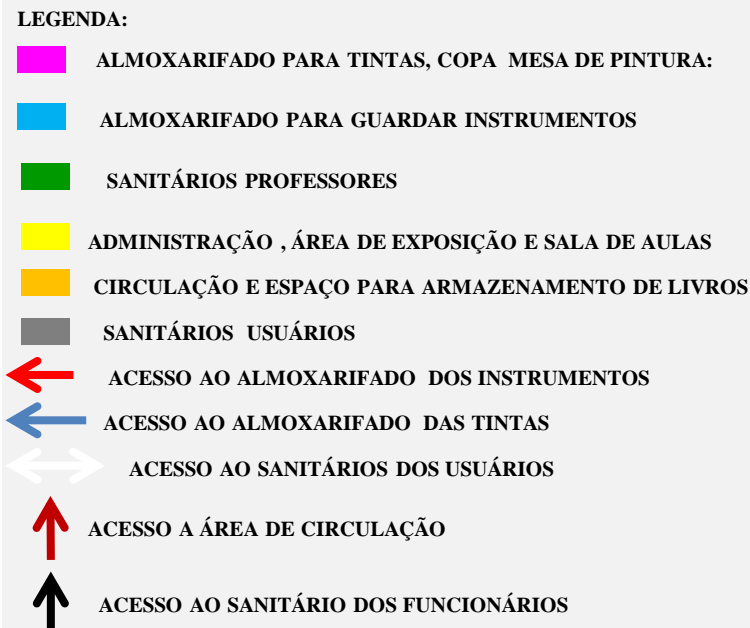


Fig. 43 Esquema de planta baixa Casa de Cultura do Distrito de Rio Maina.

Fonte Autora



As atividades que ocorrem na sede são praticadas na região em amarelo do desenho, na qual tem se aproximada 20 m², além disso nesse espaço também é dividido com administração e a exposições de trabalhos.

7.1 CENTRO CULTURAL LA CALERA

ARQUITETOS: ESCRITÓRIO GUBBINS ARCHITECTS

LOCAL: LA CALERA – CHILE.

ÁREA CONSTRUÍDA: 1.928 m²

ANO: 2009

DESTAQUE: USO E ESCALA

7.1.1 CRITÉRIOS ANALISADOS PARA O ENTENDIMENTO DO TCI

- Dimensionamento pela proximidade população de La Calera (49.503 habitantes) com a população do Distrito de Rio Maina (56.658 habitantes).
- Disposição do equipamento em entorno do espaço público.
- Relação da área expositiva com outros ambientes.
- Ligação entre os usos e seus acessos,

7.1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO REFERENCIAL

La Calera obteve recursos para financiar um centro cultural, para isso criou um projeto através do concurso “Chile compra arquitetura”. No concurso, os participantes deveriam considerar a forte identidade local, como a ferroviária e o passado industrial, que marcou o patrimônio arquitetônico e histórico. Os ganhadores criaram um espaço criativo e identificado com a cidade; no interior os espaços são funcionais, de fácil compreensão, para a formação cultural e artística (artes musicais, literárias, execução, visual) e exposições. O centro está situado em um terreno de 2.000 m², com aproximadamente 1.900 m² de área construída. O programa do edifício tem um auditório, sala de exposições, biblioteca pública, cafeteria, gravação, oficinas de cinema, música e dança, entre outras.



Fig. 44 :Centro Cultural La Calera 01 Fonte: Aguirreyboza

O centro cultural é organizado em três níveis: o pavimento subsolo de suporte ao auditório com salas de apoio, sanitários e vestuários, e garagem; no pavimento térreo é onde acontece o contato direto com a população, contendo os seguintes ambientes: biblioteca, café e salas de exposições, esse também dá acesso ao auditório; e o segundo pavimento é onde acontecem as aulas e as oficinas.

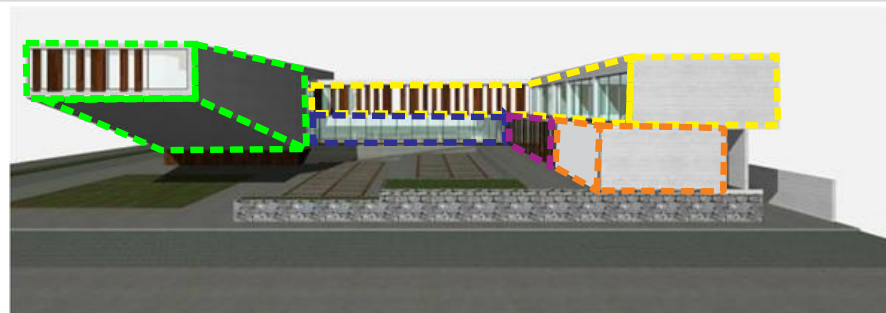


Fig. 45 Centro Cultural La Calera.02

Fonte: Aguirreyboza Adaptado Pela Autora

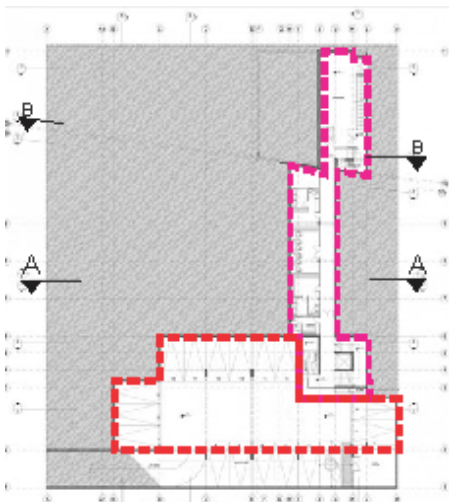


Fig. 46 Pavimento Subsolo de La Calera 01. Fonte: Aguirreyboza Adaptado Pela Autora

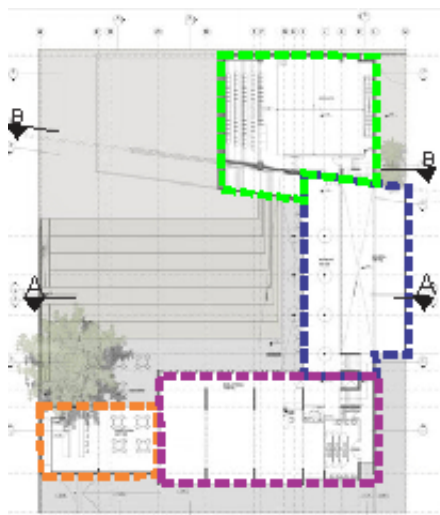


Fig 47 Pavimento Térreo de La Calera 01 Fonte: Aguirreyboza Adaptado Pela Autora

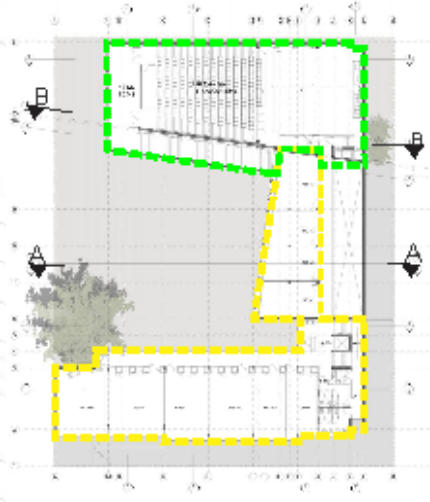


Fig. 48 Segundo pavimento La Calera 01 Fonte: Aguirreyboza Adaptado Pela Autora

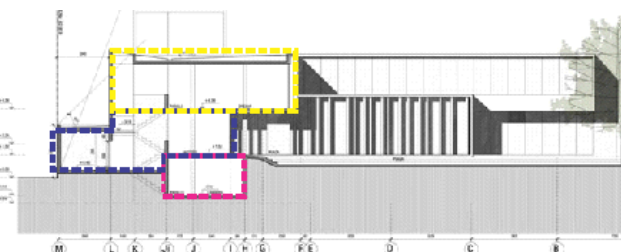


Fig. 49 Corte AA La Calera

Fonte: Aguirreyboza Adaptado Pela Autora

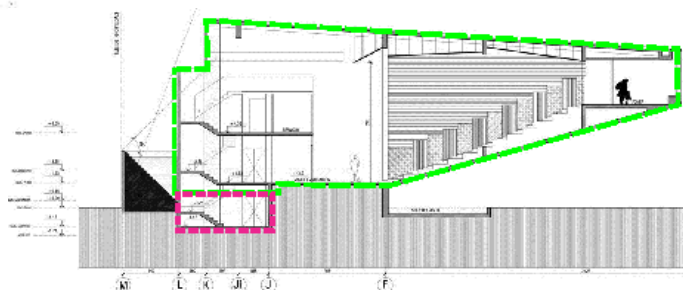


Fig. 50 Corte BB – La Calera

Fonte: Aguirreyboza Adaptado Pela Autora

LEGENDA:

- | | | |
|--|---|--|
| --- PAVIMENTO –GARAGEM | --- BIBLIOTECA | --- AUDITÓRIO |
| --- PAVIMENTO TÉCNICO | --- PAVIMENTO EXPOSIÇÃO | --- OFICINAS |
| | --- CAFÉ | |

A circulação do centro cultural é linear, acontecendo para facilitar a visualização das exposições. Dessa forma, a circulação do segundo pavimento na ala 2 ocorre virada para praça e na ala 1 acontece nos fundos da sala, o que facilita a visualização da galeria no pavimento térreo e também possibilita aos os alunos a visualização da movimentação na praça. Cria-se a ideia de centro cultural “vitrine”.

Os acessos aos ambientes sempre passam pelas áreas de exposição, como por exemplo, o auditório ou o acesso às salas de aula.



Fig. 54 La Calera Noturna Fonte: Aguirreyboza.

A praça se organiza em platôs, de forma a criar uma arquibancada, já que à noite são projetados filmes e apresentações para o público em geral.

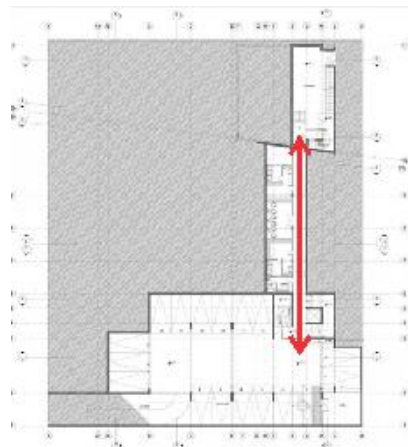


Fig 51 : Pavimento Subsolo La Calera 02. Fonte: Aguirreyboza Adaptado Pela Autora



Fig 52 : Pavimento térreo La Calera 02 Fonte: Aguirreyboza Adaptado Pela Autora

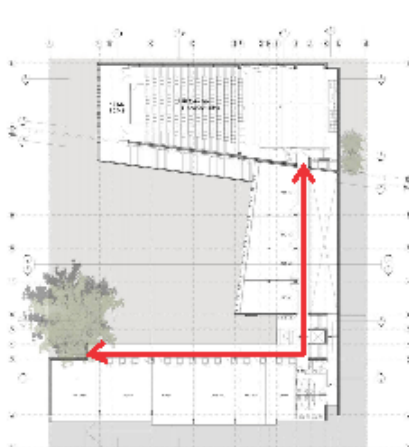


Fig 53. Segundo pavimento La Calera 02 FontE: Aguirreyboza Adaptado Pela Autora

LEGENDA:



CIRCULAÇÃO LINEAR
PRAÇA



ACESSO AO 2 PAVIMENTO



ACESSO AO CAFÉ



ACESSO A BIBLIOTECA



ACESSO AO AUDITÓRIO



ACESSO A GALERIA



ALA 2



ALA 1



Fig 55 Café – La Calera Fonte: Aguirreyboza

Área de café e no fundo uma exposição na praça. Pode-se observar que as fachadas envidraçadas permitem permeabilidade visual.

A galeria de exposição possui dois níveis, um de acesso e outro de exposição, para possibilitar exposições de grande porte e, também, garantir maior visualização tanto do nível térreo quanto do 2 pavimento.

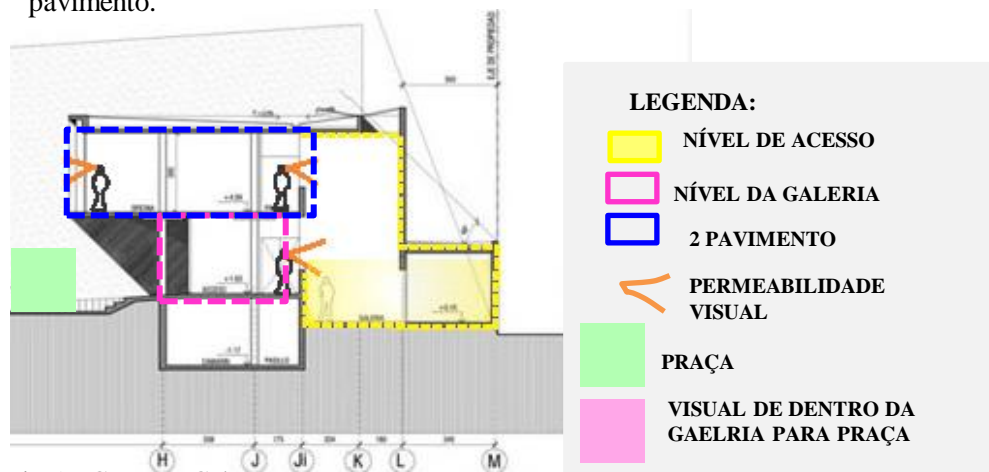


Fig 56: Corte La Calera

Fonte: Aguirreyboza Adaptado Pela Autora



Fig 57. Imagem interna de La Calera

FONTE: Aguirreyboza

Além disso, o projeto localiza-se em uma esquina, enfatizando a abertura da praça, tornando-se um espaço mais convidativo.



Fig 58 Área Externa La Calera Fonte: Aguirreyboza

7.2 CENTRO CULTURAL DE SERDAN

ARQUITETOS: RICHARD SCHOELLER ARCHITECTES

LOCAL: SERDAN – FRANÇA

ÁREA CONSTRUÍDA: 1897.0 m²

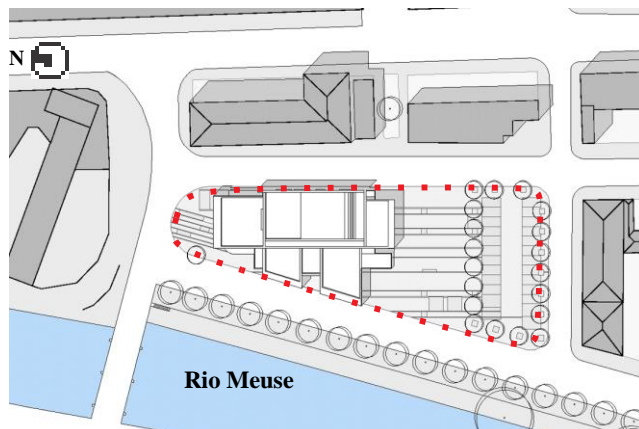
ANO: 2012

DESTAQUE:

USO/MATERIALIDADE/LINGUAGEM

7.2.1 CRITÉRIOS ANALISADOS PARA O ENTENDIMENTO DO TCI

- Volumetria
- Materialidade
- Disposição de usos e relação com o entorno



LEGENDA:

 LOCAL DO REFERENCIAL

7.2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO REFERENCIAL

O Centro Cultural projetado pelo escritório Richard Schoeller Architectes ocupa um local privilegiado no centro da cidade de Sedan, no norte da França, às margens do Rio Meuse.

A elevação dos blocos libera o térreo urbano, permitindo o passeio do olhar, abrigando a passagem entre interior e exterior. No térreo, a praça e os antigos edifícios vizinhos, o átrio, a administração e o teatro constituem um todo dinâmico, um espaço onde a cultura se abre para a cidade.



Fig 60 Área Externa Do Centro Cultural De Serdan

Fonte: Sergio Garcia

Fig 59 Implantação Centro Cultural De Serdan

Fonte: Sergio Garcia



O auditório é o núcleo do projeto, a partir dele outros volumes avançam formando as oficinas. Como não há espaço de exposição, a circulação acontece internamente sem aberturas e ali são dispostas as exposições. As salas das oficinas são organizadas com panos de vidro, possibilitando visualizar os usos.

Fig 61 Fachada externa do Centro Cultural de Serdan
Fonte: Sergio Garcia adaptado pela autora

LEGENDA: — PERMEABILIDADE VISUAL NO PAVIMENTO TÉRREO

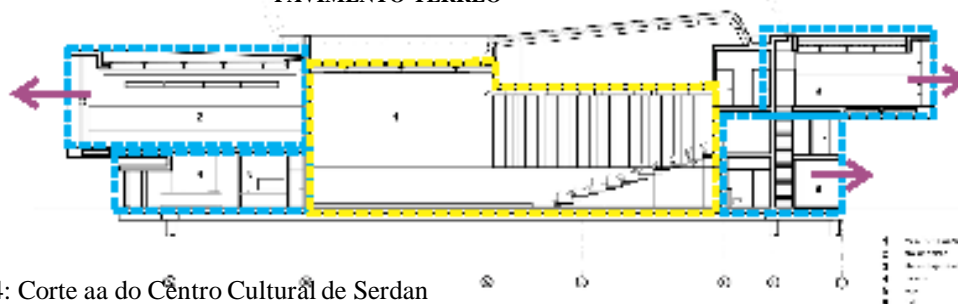


Fig. 64: Corte aa do Centro Cultural de Serdan
Fonte: Sergio Garcia

LEGENDA:



CIRCULAÇÃO LINEAR
AUDITÓRIO



OFICINAS
ADMINISTRATIVO
ACESSO PRINCIPAL AO
CENTRO



ACESSO SECUNDÁRIO



PERMEABILIDADE
VISUAL

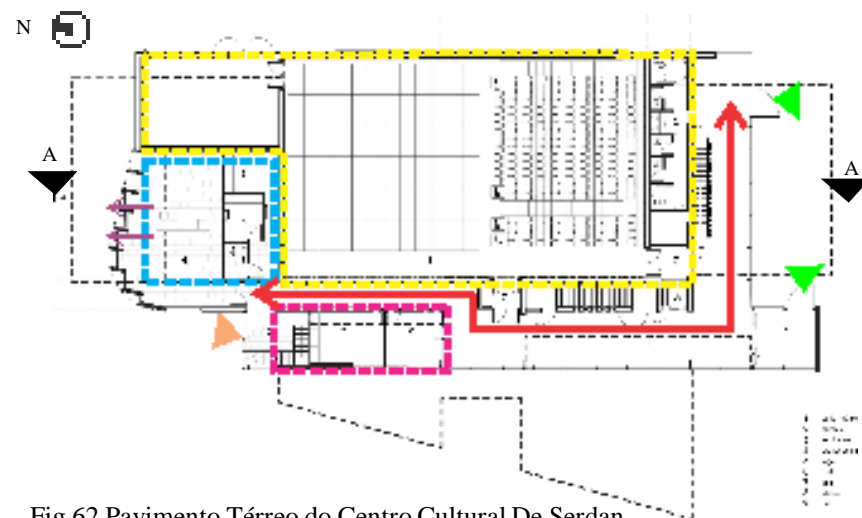


Fig 62 Pavimento Térreo do Centro Cultural De Serdan
Fonte: Sergio Garcia Adaptado Pela Autora

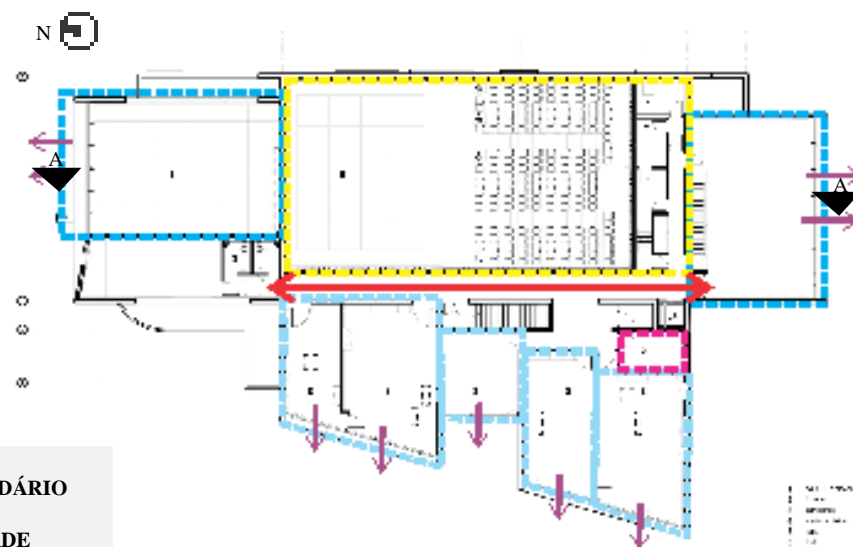


Fig 63 Segundo Pavimento do Centro Cultural De Serdan.
Fonte: Sergio Garcia adaptada pela autora

O centro cultural tem sua materialidade de basicamente estrutura em aço com concreto armado aparente e panos de vidro. Possui uma forma geométrica bem definida através dos jogos de volumes e os balanços proporcionados pelos mesmos. a liberação no solo permite um espaço público maior, além disso, há o acréscimo das cores para compor com o dinamismo da forma.



Fig 65 Imagens Interna do centro cultural de Sedan
Fonte: Sergio Garcia adaptado pela autora



Fig 66 Área externa do Centro Cultural de Sedan 01
Fonte: Sergio Garcia
Pode-se observar o uso de vidros coloridos nas fachadas

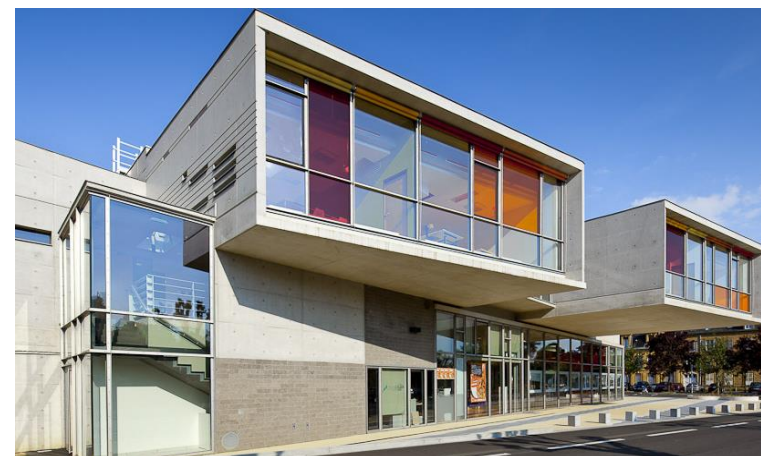


Fig 67 Área externa do Centro Cultural 02. Fonte: Sergio Garcia
Pode-se observar na foto os volumes geométricos e o balanço com permeabilidade do solo



Fig 68 Volumes do Centro Cultural de Sedan
Fonte: Sergio Garcia adaptado pela autora

LEGENDA:



PANO DE VIDRO



VOLUMETRIA

7.3 PRAÇA DAS ARTES

ARQUITETOS: BRASIL ARQUITETURA

LOCAL: SÃO PAULO, BRASIL.

ÁREA CONSTRUÍDA: 28500.0 M2

ANO: 2012

DESTAQUE: USO/ DISPOSIÇÕES DOS ESPAÇOS

7.3.1 CRITÉRIOS ANALISADOS PARA O ENTENDIMENTO DO TCI

- Compressão da conexão com as ruas;
- Uso do desnível na topografia;
- A ligação entre os setores das atividades culturais.

7.3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO REFERENCIAL

Praça das Artes é o um conjunto arquitetônico cultural da cidade de São Paulo, construído no chamado Centro Novo e incrustado em uma área que estava em franco processo de degradação. Inicialmente, o empreendimento foi concebido para atender à necessidade de espaço das unidades ligadas ao Teatro Municipal, como a Orquestra Sinfônica, e a Escola de Bailado.

Somam-se ao conjunto um prédio tombado e o conservatório de música, que conta com uma sala de concerto de câmara cujo térreo foi convertido em sala de exposições. Junto aos edifícios, há uma grande praça.



Fig 69 Praça Das Artes
Fonte: Nelson Kon, 2014.

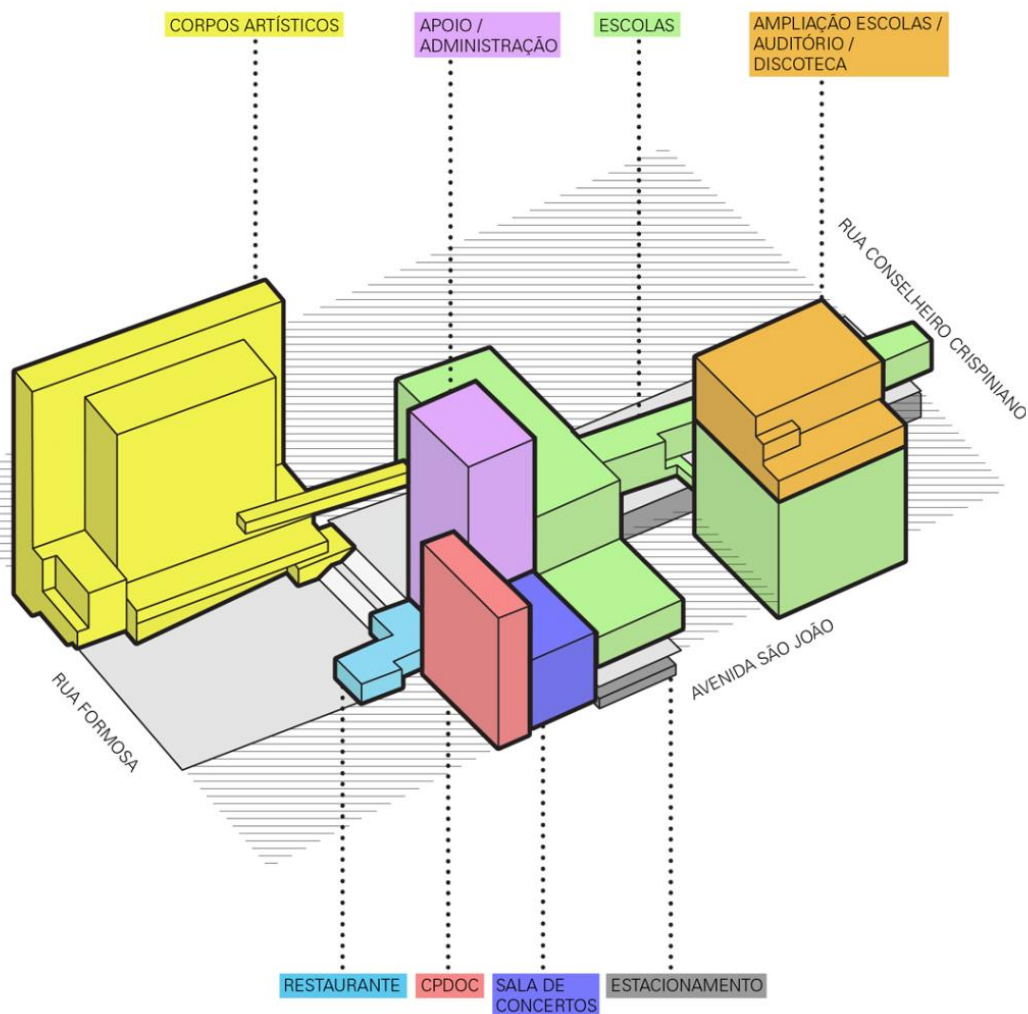


Fig. 70 : Diagrama de uso da Praça das Artes. Fonte Archdaily, 2014.

O projeto Praça das Artes tem setorização por meio de blocos. Em cada um deles acontece uma atividade e a conexão entre os espaços se dão por meio das passarelas e da praça. Essa, além de conectar os blocos, faz a ligação com as ruas Conselheiro Crispiniano e a Formosa possibilitando ao pedestre a permeabilidade na quadra.



Croqui demonstra a conexão entre as duas ruas.

LEGENDA:

PRAÇA

Fig. 71 Croqui da Praça das Artes. Fonte Archdaily, 2014.

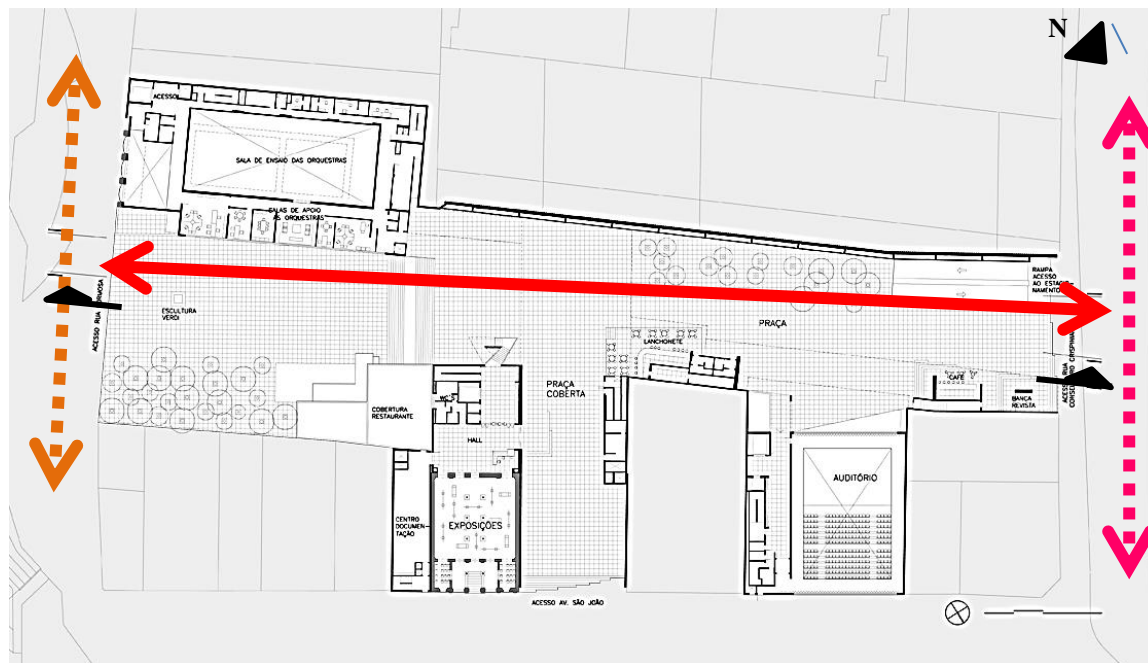


Fig. 72 Planta terrea Praça das Artes. FONTE Archdaily*

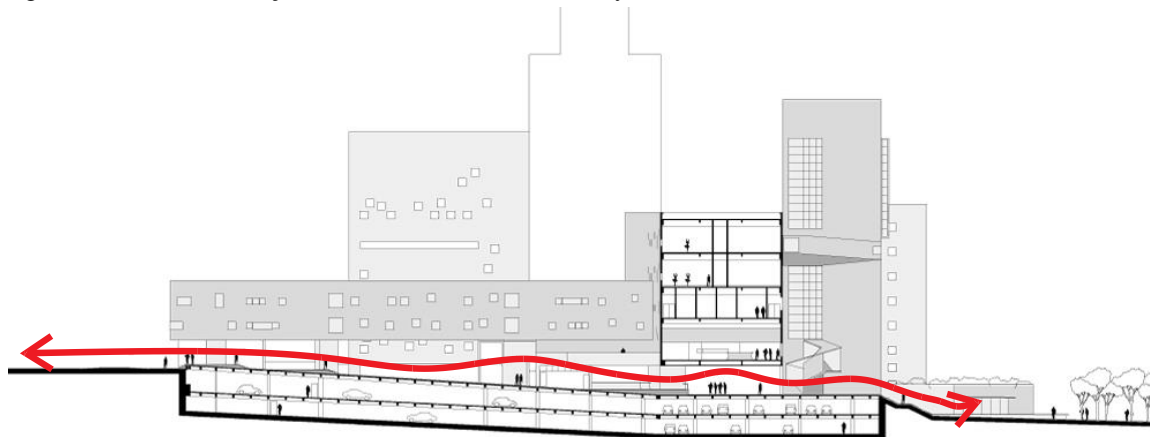


Fig. 74 Corte da Praça das Artes Fonte Archdaily*

O térreo dos volumes é livre, reforçando as conexões e atendendo ao programa de necessidade. Além disso, o aproveitamento do desnível da topografia, para o uso do estacionamento, e sobre a laje a continuidade da praça dando sequência ao espaço.

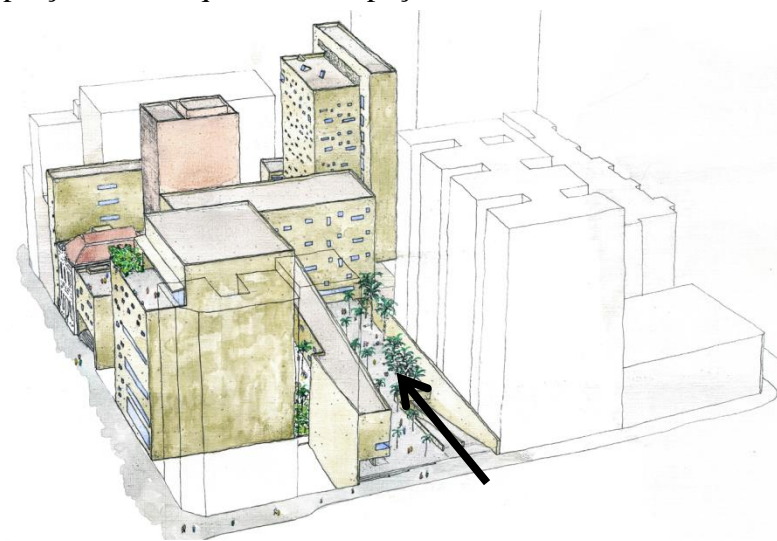


Fig. 73 Croqui 02 Praça das Artes. Fonte Archdaily*

LEGENDA:

- ENTRADA DO ESTACIONAMENTO
- ↔ PRAÇA CONEXÃO COM AS RUAS
- ↔ RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO
- ↔ RUA FORMOSA

7.4 MUSÉE HERGÉ

ARQUITETOS: CHRISTIAN DE PORTZAMPARC

LOCAL: LOUVAIN-LA-NEUVE- BELGICA

ÁREA CONSTRUÍDA: 3.600M2

ANO: 2009

DESTAQUE: LINGUAGEM

7.4.1 CRITÉRIOS ANALISADOS PARA O ENTENDIMENTO DO TCI

- Composições de volumes

7.4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO REFERENCIAL

O Musée Hergé desenhado por Christian de Portzamparc em Louvain-la-Neuve, Bélgica é dedicado ao artista belga Hergé criador o personagem Tintin. O museu destaca a vida de Hergé e tem programa de necessidade com áreas de exposições permanentes e temporárias, além de sala de projeção de vídeo.

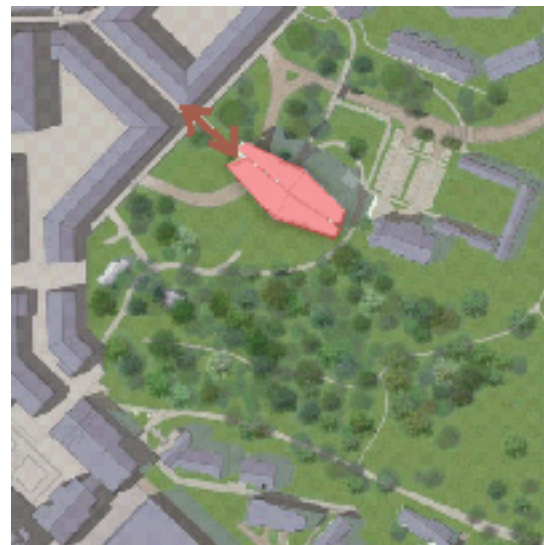


Fig 75 Implantação do Musée Hergé

Fonte: Portzamparc*



Fig 76 Musée Hergé . Fonte: Portzamparc*



Fig 77 Planta baixa do Musée Herge
Fonte: Portzamparc*



Fig 78 Imagens internas do Musée Herge
Fonte: Portzamparc*



Fig 79 Imagens externas do Musée Herge
Fonte: Portzamparc*

LEGENDA:

- LINHAS INCLINADAS DOS BLOCOS INTERNOS
- LINHAS INCLINADAS DO BLOCO EXTERNO

O museu trabalha com único volume externo estrutural e os internos se conectam com passarelas. Destaca-se que nos volumes internos as inclinações são visualizadas tanto em planta quanto em elevação.

Para reforçar a ideia dos diversos planos inclinados, há rasgos em vidros nas fachadas e no miolo do prédio. Apesar desse grande dinamismo interno, o desenho do volume externo cria uma unidade no projeto